

Dados da Ficha

Palavras-chave	Caboclos, colonos, porcos, paisagem, madeira.
Entrevistado:	Bruno Zimmermann (BZ)
Idade:	74 anos
Entrevistadora:	Andressa Krieser Bauermann (AB)
Data da Entrevista:	06/08/2017
Transcrição da entrevista:	Bruna Krauspenhar

**AB** – Bom, então primeiro o senhor podia dizer o seu nome, a idade, onde você reside hoje...?

**BZ** – Bom, meu nome é Bruno Zimmermann. Nós somo, somo, venhemos do lado do Rio Grande, é... Três de Maio, onde eu nasci pertencia a Santa Rosa ainda e eu vim pra Santa Catarina no ano 58, de junho de 58, acampar. Nós entramo ali como no acampamento, então é, daí nós começemos a mexer. O primeiro serviço que nós fizemo era derrubar um pequeno pedaço pra poder construir um galpão, uma morada. Daí a nossa primeira morada que nós construím, um galpão, as madeira quadrada nós serramo tudo. É porque na época, na época, não tinha serraria que serrava madeira de lei, tinha só as serrarias, as, as é, da... (as fitas) das companhia e eles somente serravam pinheiro, somente o pinheiro, madeira de lei não serrava. E daí nós formamo o estaleiro e abrimo com a nossa serra as madeira, é, eu só não sei te dizer bem certo o nome dessa, dessa serra, mas nós trabalhamo com essa serra de abrir as madeira manual pra construir o galpão.

**AB** – E tu lembra os tipo de madeira que era?

**BZ** – Nós usava de tudo, o, o, as linha, as travessa, as linha era mais grápia e cabreúva, tudo madeira de lei... e aquelas que nós serramo com a serra era mais uma madeira mais mole, seria cedro, canela, ou qualquer outra madeira mais mole que facilitava pra serrar, que servia pra caibro e linha e travessa, mas a madeira de baixa era tudo na base da viga. Derrubavam a cabreúva de dez, quinze metros de comprimento, falquejavam ela à muque pra servir pra linha e era tudo feito na base do, do serrote e machado, não tinha outras coisas... motosserra, ninguém, na época, ninguém conhecia.

**AB** – E quantos anos o senhor tinha na época?

**BZ** – Eu tava com quinze anos de idade.

**AB** – E hoje você tem?

**BZ** – 74.

**AB** – 74! E... quando vocês chegaram aqui, tu consegue dizer como que eram as formas de cultivo e a criação dos animais antes da colonização, das pessoas que moravam aqui antes do pessoal que vinha do Rio Grande do Sul comprar da companhia?

**BZ** – Bom, naquela época, é... eles em verdade falava dos intruso, então é, na época era conversado bastante os intruso, mas em verdade, em verdade, o nome deles era safrista, os safrista. Então eles derrubava o mato e daí aonde começava? na beira da sanga, na baixada, então eles usavam a baixada, as terras mais, mais é... beira-rio pra, pra, por causa da água do bichinho. E daí quando o milho tava na faixa de louro, porque as semente era tudo crioula, tudo tirada do paiol, semente não tinha selecionada, essas coisa que veio depois. E daí eles plantavam o milho e quando o milho chegava a lourar, daí eles, é... eles largavam os suínos, um comprava do outro, é... eles diziam os porcos, daquela vez o nome suíno não existia, porque em verdade, o que eles tinha era porcos, [AB – Sim] era tudo os porco preto aquele. É, então, é, na época só se falava de safrista, então eles deixavam o porco até terminar aquela dita lavoura de milho, até que ele consumia aquilo e daí levavam no comércio. Daí eles trocavam ele fora, às vez quilômetros e noites e noites que eles tocavam pra lá e pra cá até que eles chegavam numa (geral), numa estrada, às vez até perto o comércio tocava. E daí esse tal do porco ia pro frigorífico de lá pra frente, daí é com caminhão, com outros meios de transporte. E daí por isto, por isto, as nossas terras ali em verdade foi começado completamente errado: primeiro limpava a sanga, os rios e depois foram pra frente. E daí, daí quando nós entramos era, era aquele tipo de pessoas, e daí quando nós entramos daí esse, esses que a gente usa palavra de caboclo, eles começaram a se afastar, porque eles não queriam ter suas vaca na sogá, o boi na sogá, isso era tudo solto. Então quando existiu regras, divisas, então, é, o pessoal comprou da colonizadora a terra, então eles tinham um certo direito, entende? aqui vai minha terra... E daí esses safristas, esses caboclos, esses que tavam antes de nós, eles começaram a se afastar, Paraná e foram subindo. Eles foram tipo sobrando aqui do, do nosso lado, por causa que eles não tinham esse sistema de cultivo e como nós tinha esse sistema de cultivo, começamos bem, bem diferente do que eles. Então era duas classes bem distantes, a classe deles não se encaixava com a nossa e a nossa com eles. E daí se afastarem, e assim mesmo, mesmo assim, o convívio, de que nós tinha com eles, ele até era assim meio, meio normal, é, porque, houve muito respeito... Porque quando nós entramos valia tudo e no ano 58 era difícil enxergar um caboclo sem um revólver na cinta ou sem facão na cinta, isso era muito difícil. Os primeiros bailinho, depois dos dezoito anos, que eu ia nos bailinho, então as prateleira dos, dos, dos salões ou dos locais de dança, não

era salões... casas, locais de dança, então eles guardava muita arma lá, desde facão em diante, tudo de noite o pessoal chegava pra se divertir, entregava aquela tal de arma lá pra guardar. Então é, era, era muito lindo, nós, nós assim, o meu pai sim, meu pai sempre usava revólver e nós nunca usamos uma faquinha, nunca, nunca, nunca, e o meu pai deu uma lição pra nós que serviu pra vida inteira, o meu pai disse assim: nunca pode mexer na arma, o dia que mexeu tem de atirar, porque daí se tu mexeu é sinal de que tu precisa, de que tu... é necessário... porque daí é legítima defesa e o meu pai nunca puxou uma arma e foi muito bem respeitado. Então se a gente veio, os imigrantes, então assim, é, o que eu queria dizer... era assim, mas assim, é, o pessoal, nós vivia muito bem no meio dessas pessoas, é, estranhas, e daí que nem eu falei já, que nem as companhias, daí as companhias começarem a destruir as moradas desse tipo de gente que era os tal de safrista, mas eles gradualmente deixarem as moradas e forem embora... e aqueles que não deixarem deram um dinheirinho ou assustava eles, porque o, o, o, essa gente morena tinha muito medo, qualquer um, um sinal da noite, um fantasma, no outro dia limpava o acampamento.

**AB** - E iam embora...

**BZ** - E daí esses acampamento que eles tinha, esses ranchinho que eu cheguei a ver muitos, na época, era tudo na base do pinheiro lascado, tapa de pinheiro lascado. Tapa serrada não existia, porque eles não tinha (acesso desses ali). E daí que nem eu falei no, no início ali, essas, essas companhia, as tábua de três, quatro e cinco que eles dizia era preço razoável. Então quando nós entramos nós não podia serra uma tábua, porque era muito preço razoável, nós comprava, porque o que valia era o, o, os, os cedro, o pinheiro, o número um, a classe primeira, ele ia pro rio e levava tudo no Rio Uruguai e fazia balsa.

**AB** - E daí de lá mandava pra Argentina geralmente...

**BZ** – Sim, (...) que não sei também... Rio Grande, não sei pra que lado, mas aqui então a madeira ia tudo embora pelo rio.

**AB** - Então eles vendiam, mas vocês tinham que tirar e o que era essa madeira melhor daí eles...

**BZ** - Ah, a melhor eles cortavam em prancha e ela ia (exportado) e os restos, os resíduos, que nem terceira e quarta classe eles, eles vendia, as companhia. E... só que eles não serravam nem uma árvore pro colono, eles não podia, nem pinheiro não podia. E daí quando meu pai comprou ali na época em 54... 53, 54, o pinheiro valia bem pouquinho, as terra eles compravam o valor

xis e, e o pinheiro não tinha valor, quer dizer, tinha valor, mas muito pequeno, e o pinheiro tinha de comprar separado, então que nem a nossa colônia ali, onde é que nós começamos a entrar, as colônia era de 50 à 60 hectare, cada colônia, considerada como colônia na época... [AB - E onde que...] é... lote.

**AB** - Onde que ficava esse lote?

**BZ** - Ele começava aqui desse (Jundiá) pra cima. A minha terra aqui é a última... e daí daqui pra frente, da minha terra pra frente, entrou a colonização Sehnem naquela vez. Eles adquirirem aquela terra das companhia e vendia em pequenas chácaras.

**AB** - Tu lembra qual que era a companhia? O nome da companhia?

**BZ** - É a, os (...) ali, os (...) era a companhia da serraria e a companhia das terras era, eu não sei te dizer agora bem exatamente mas eu vou checar, podia olhar inté nos documentos assim, a minha terra veio da companhia.

**AB** - Então depois a gente olha, daí eu anoto numa folha qualquer coisa.

**BZ** - Sim, sim...

**BZ** - Então assim, é, então porque que, que nem eu falei era tudo lote grande, então que nem o lote que era o primeiro lote que meu pai comprou, é, tinha na faixa de 160 pinheiros em cima, mas pinheiro e isso tinha de comprar separado, é, porque não vendia junto com a terra.

**AB** - Ah, então os pinheiro eram à parte? [BZ - à parte...] Vendia a terra e os pinheiro eram a parte, [BZ - Sim] como se eles ficassem lá prá...

**BZ** - Sim, mas o pinheiro de 50, 60 de grossura, de diâmetro, esse não tinha preço, ele não era considerado como, era só de metro, de 80 metros acima, esse era o pinheiro, o nativo. O mais novo, que se... depois nasceu, que se criou, ele, ele não era considerado como nativo, ele era... já nasceu depois [AB - Sim]. Então esse, esse não, não se comprava e não se vendia.

**AB** - E era pinheiro grande que tinha?

**BZ** - Tudo pinheiros adultos, velhos, pinheiros tudo de metro, metro acima (...), então meu pai comprou pra ter direito, pra não entrar outras pessoas e mexer no mato. E daí é... que nem eu tava contando, daí de, desde 58 nós enfrentamos as roça, nós começamos no mato. Não tinha lavoura, tinha um cantinho de terra, que, que era cultivável, mas o que era mais inço do que, sabe, porque os safrista, é porque os safrista em verdade, ele, o inço, o inço ele transmite o

bichinho, a vaca, o boi, o cavalo, ele, ele leva pra frente, então não tinha lavoura limpa. Então o que era lavoura mais era tão inçado, tão cheia de capim e daí nós começemo a derrubar o mato, mas tudo, tudo à muque, tudo com foice e machado e serrote.

**AB** - E o que vocês derrubavam vocês faziam o quê?

**BZ** - Fogo.

**AB** - Fogo?

**BZ** - Fogo. Então o que nós usava pra construção, que nem eu citei antes ali pra caibro e caibrinho e essas coisas e linhas, nós serrava, as tora, mas daí não precisava muito e o resto: fogo. É, grápias de grande quantia... Daí despois, despois logo mais em 60, 62 e daí entrou os, é, os que comprava as viga, então vinha o pessoal de Palmitos pra cá, eles já tinha alguma máquina velha pra arrastar essas tal de viga. A tal de viga valia cedro, é, cedro, e cabreúva... é, o, a grápia já não valia, é, a canela não valia... era cedro, é, eu tô errado, cedro, cabreúva e louro. Então essas madeira eles cortava à machado, não tinha motosserra, à machado, tipo tudo bicudo... é, eu falei bicudo, e na copa também cortava com machado e daí tanto fazia se aquele pau tinha 10 ou 12 metros ou 15 metros, ele levava inteiro e ia pro rio também. E lá no rio eles, eles preparava a balsa. Então eles ajuntavam uma linha de dez, quinze cedros ali de comprido e daí atravessava uma, uma vara que tirava do mato e amarravam com cipó e daí ia outra por cima, outra camada, e assim fazia essa tal de balsa. E essa balsa foi construído ali, ali na região de, de Palmitos, ali nessas regiões onde é que o rio tem, [AB - Itapiranga...] tem... Itapiranga também, onde é que o rio tinha planície, sabe? onde é que tinha planície para eles poder... então eles preparava aquela balsa e, e aquela balsa às vez tava mais de ano lá e daí essa balsa só largava quando o rio tinha uma certa altura de, de que tinha crescido o rio.

**AB** - Nas cheia daí...

**BZ** - Nas cheia.

**BZ** - Daí largava essa balsa, tanto as madeira serrada, como as viga despois... e em cima dessa balsa ia uma morada. Daí o, o, o balseiro, ou como a gente quer chamar ele, ele se fazia um ranchinho lá em cima.

**AB** - Pra poder levar aquele...

**BZ** - Ele, ele acompanhava. E, e daí ele levava aquela... aonde que entregava... mas eu sei que ia pra outros estados e Rio Grande do Sul também, e aonde que eles é, eles se aterrissarem essa

tal de balsa, aonde é que ele ia no comércio, isso eu não sei te explicar tão bem... Mas daí eles vendia, quer dizer, os chefes vendia pois ia por carro e não sei o que, e daí essa, essa gente morena que ia em cima da balsa voltava na base do barco, porque eles levavam um barco também, remando, pelo rio acima.

**AB** - Daí, uns iam no barco, e uns iam...

**BZ** - Não, digo, na volta, na volta.

**AB** - Ah, na volta!

**BZ** - Na volta eles levavam o barco em cima do... [**AB** - Ah, em cima da...] da... pra ter o retorno, porque eles não tinha retorno.

**AB** - Sei...

**BZ** - Porque ônibus não tinha, lotação não tinha, a não ser que quem tinha o carro próprio...

**AB** - Então levava já um, um barquinho, alguma coisa em cima da balsa pra depois voltar.

**BZ** - E alimento. E daí acontecia muitas vezes que aquela tal de balsa arreventava. É porque os cipós, já vamos dizer, aquilo ficava velhinho já de tempo, e daí tem aquele desastre... o, o, o moreno em cima dessa balsa, ele, ele ajuntava, ajuntava o que podia das tora. Que as tora começavam... porque só não sei te contar aonde que era, mas ali na descida, não sei se tu sabe melhor, eu não estudei essa parte, ali tinha uma cascata, uma caída de água no Rio Uruguai, e daí, eles só podia largar a balsa quando essa cascata ficou no nivelamento da água do rio, que o rio cresceu tanto que, então ele tava... ele dava os pico, mas não... porque se dava muito pico não tinha balsa que aguentava, né.

**AB** - Sim, porque daí a cascata [**BZ** - Sim] dava impacto [**BZ** - Sim] e daí ele acabava rasgando, né.

**BZ** - E daí eles tinha de esperar até o rio encher, então às vez acontecia, é que nem o Rio Uruguai... esse não é o Rio Uruguai, ele não enche hoje, amanhã já tá (em zero) de novo, ele fica dias.

**AB** - Cheio né...

**BZ** - Cheio. Então eles aproveitavam essa cheia pra... então, em verdade, o nosso pessoal ele destruiu o mato, levou tudo embora... é, o bom e o ruim ficou. E daí quando nós começamos assim, então nós tinha de, claro que tinha bastante madeira boa, nunca teve terminava, mas eu,

quando eu, já depois comecei, eu cheguei a vender viga. E ia pro rio, embora quando o rio... e ali a viga é que nem eu falei, era só cortada à machado, tanto na, no derrubar, como na ponta... não podia ter serrote nisso ali. Porque em verdade, no início ele tinha sido (pontido, é...), pontudo, é, a viga, pra poder andar no rio, porque tem que ser pontudo, porque se ele é cortado à serrote ele faz represa da água, ele segura.

**AB** - E assim ele consegue ir...

**BZ** - Sim, e assim ele consegue desandar. Então se a gente conta assim é, é, a, a nossa, a nossa entrada, assim é, os demais, nós tinha assim contato com muita gente é, pra tu ter um amigo, eu com 15 anos, eu fui arrancado da juventude de Três de Maio, que na época era um município, da juventude, sem me despedir de um... um dia o pai voltou daqui e no outro dia embarquei e fomo embora. E daí o que que aconteceu na vinda pra cá? nós conseguimos vim inté, inté Palmitos e daí o rio tava cheio, daí a balsa não funcionava, porque nós tinha de passar o rio Uruguai à balsa. Na época não tinha a ponte. E daí fiquemo duas, dois dias e duas noites em Palmitos no hotel... um... dormitório lá, pra o rio baixar, pra poder atravessar. E daí a parte mais interessante, que no outro lado, o lado de cá o rio tinha o, a fiscalização, ali tinha o, o, o acampamento da fiscalização, ali tinha uma vara que atravessava a estrada. Então era um, é... que nem hoje usa na entrada assim, o, o pedágio, usa aquele tipo, mas hoje é uma ripa, uma varinha, na época tinha, era um pau, então quando as estrada não permitia passar, fechava aquela vara e era, era com cadeado e tudo, então não tinha como passar. Então nós tinha de ficar em Palmitos, ali no, na hospedagem, inté que o rio baixou, e a estrada permitiu pra o caminhão entrar e daí nós podia vir pra cá.

**AB** - E como que é o nome dessa, dessa linha aqui?

**AB** - Ah, nós tamo na, na, na, nossa linha, é nossa linha Zimmermann. Porque quando nós entramos, era o pai com sete filho homem e mais três moça, nós era dez irmão. E daí como nós, é, como o lugar não tinha nome, nem Bom Jesus não tinha nome na época, então foi criado linha Zimmermann.

**AB** - Então levou o sobrenome de vocês daí...

**BZ** - Sim, levou o nosso nome, ele hoje existe em tudo os documento. Em tudo. Isto é recibo de água, de luz, de telefone, tudo é linha Zimmermann e ela vai inté aqui no cemitério, do cemitério vai inté divisa de Modelo e também divisa de Maravilha, essa é a linha Zimmermann. E daí do lado tem linha Jundiá, sabe, Lajeado das flores, mas a nossa linha Zimmermann é bem



grande, por causa da, da equipe de pessoas que nós entramos, e daí nós tava morando tudo um do lado do outro, cada um, o pai ajeitou uma boa área e daí nós começemo a cultivar. A minha eu comecei a cultivar em 66.

**AB** - E como que o senhor cultivava ela?

**BZ** - É... que nem eu falei do início, foice, machado no primeiro ano. E no segundo ano fogo e mais fogo. Então, é..., os pau grosso ficavam por último, mas os galho tentava de queimar, destruir, pra poder cultivar... e, e o pau mais grosso foram queimado mais tarde. O que dava pra queimar... e daí depois o serrote pra cortar, pra poder lavrar com arado, com boi, mas isso demorou muitos anos pra tu poder...

**AB** - Lavrar né...

**BZ** - Hoje não, pegam o mato, derrubam com o trator, faz lavoura na hora, bota calcário e começa a cultivar, desde do, do mato, não tem roça nova, ou carpir... então nós sofremo muito na época, porque não tinha outro meio de, de cultivar ela, era na base do machado ou a enxada.

**AB** - E que produtos que vocês cultivavam?

**BZ** - Bom, nós no início ali, era milho pra consumo, arroz pra consumo, farinha de trigo, seria o trigo pra consumo, milho sobrava um pouco pra venda e daí depois quando o milho começou a... é, e daí entrou o tal do suíno, então o suíno ele, ele consumia o, o milho, então nós já podia, na época, nós já conseguia vender o tal de suíno. E daí depois em, é... em é... eu tenho de cuidar muito pra não me... em 70, em 70, 72, daí veio o tal do agrônomo. Eram os Lanznaster que... ele era o presidente da compra central depois, o Mário Lanznaster era o nosso primeiro agrônomo que veio e daí eles falava daquela tal de semente selecionada, a, a ração pra suínos, (acredita) nós, é... plantia de campo, a plantia de campo, pra aprender essas coisas, nós levava uma lona, fazia uma quirera, e daí ele dava os ingredientes para fazer a tal de ração, aquele tal do cocho seco que na época se falava e nós preparava a ração lá na técnica pra aprender a preparar a ração em casa.

**AB** - E esse agrônomo ele vinha da, da ACARESC, né? [BZ - da ACARESC] eram eles que mandavam?

**BZ** - Ele era nomeado da ACARESC...

**AB** - E tinha um extensionista também ou era só agrônomo?



**BZ** - No início não, o extensionista, a extensionista (Benrose) ela veio bem mais tarde, mas depois também começou só que eu não sei em que ano que ela veio. Mais é... assim era muito, as primeiras reuniões isto era pra nós era coisa, é, fomo aprendendo... E eu de lá pra cá, de lá pra cá, nunca rejeitei, é, uma reunião ou uma lugar de explicação, eu... eu inté verdade, eu, eu, se pedisse pra eu dizer quantas diploma eu tenho em casa, que é onde é que eu participava, eu não sei dizer, nós fomo inté ali no tal do Pato Branco, ali, pra cima ali, fomo olha é como é que produz a semente de milho. É... qual é o sistema da peneira. É... todo mundo se pedia como é que se debulha uma espiga, que uma espiga de milho dá três, quatro tipo de peneira... e lá nós fomo olhar e daí ficou conhecimento como é que funciona a tal de peneira, sabe, do milho. Porque hoje tu compra milho tudo na base peneira... tu quer a peneira no vinte, daí tu pega mais da ponta, quer a peneira vinte e quatro, tu pega o grão do meio e assim cada, é, cada lugar do grão é, existe a peneira.

**AB** - E na época além da ração eles ensinavam que outras técnica, se tu lembra?

**BZ** - Sim, é... o plantio também, o, o, o tal do calcário, como aplicar o calcário... e daí já vinha, fazia inté aquele tipo de análise depois, o calcário, quanto vai... É, a ração que eu falei não era assim uma ração pronta, é, nós tinha acesso a, a, a, nós tinha acesso a comprar o tal de, de, de, farinha, de, de, de osso, farinha de carne, o sal mineral e tudo esse ingrediente que iam na ração e daí nós fazia a fórmula da ração em casa, então é, daí veio o tal do Premix e tudo esses coiso pra misturar com a ração, nós fazia ela em casa, tudo na base do... e daí na época não se falava de ração, eu tô tratando cocho seco. É porque o nosso pessoal era acostumado a tratar de, de, de lavagem, comida cozida, batata, abóbora, alguma mistura de mandioca, era comida cozida. Então era a tal de lavagem, essa era o início.

**AB** - Era o que vocês tratavam primeiro.

**BZ** - Do engordar o porco. E daí entrou aquele tal do cocho seco.

**AB** - Daí quando entrou o cocho seco, vocês daí usavam só o cocho seco ou ainda usavam a lavagem?

**BZ** - É... muita gente que hoje, hoje, tem gente que usa a lavagem ainda, que por lei, ou por sistema, é proibido. Hoje se o frigorifico, é, fica sabendo que o tal do suíno, que hoje não é mais o porco, comeu lavagem, eles são capaz não comprar esse tipo porque na lavagem é... as pessoas colocam muita mistura, mas no início era só lavagem.

**AB** - E também não fazia mal pra ninguém...

**BZ** - Não, não fazia mal. Então por isso na época que nós, é, iniciamos ali, é que nem a tal da banha, ela nunca fazia mal pra ninguém, só que daí depois, depois, mais tarde entrou aquela, aquele cultivo do soja. Então quando entrou o cultivo do soja, técnicos, médicos e essa equipe de, de gente mais graúda, ela se reuniu e chegaram na conclusão de botar na cabeça do agricultor, do colono, que o, o tal de banha faz mal.

**AB** - Que é melhor usar o óleo...

**BZ** - O óleo! Porque o óleo entrou no comércio. Porque quando foi começado o soja, daí logo entrou aquela indústria do óleo, pra, pra, é, pra tirar o óleo do, do grão e daí limparem ele, então pra eles vender ele no, na, na, na cozinha, já vamos falar assim, eles tinham de proibir a banha pra o óleo pegar acesso e foi o que aconteceu, o povo aceitou essa mudança. Hoje, hoje se vê a, a, na, na, o pessoal do interior, principalmente, principalmente do pessoal do interior, eles usem bem mais banha do que óleo de soja, óleo de soja serve só pra na hora de emergência, mas hoje no interior é a banha, mas não a banha que vem do frigorífico... [AB - A banha que...] a banha caseira, [AB - Que a gente faz] que nós temo e é, é preciso ter. Então, as coisas caseiras, que nem nós falamos assim, um suíno engordado com lavagem, com milho, com mandioca, com batata, o que nós usava, essa carne nunca fez mal. Agora, tratar muita (torta) de soja, o, o suíno fica fraco nos osso e transmite na pessoa. Então, é, hoje muitas doença que são, não vamos falar assim incuráveis, o tal do câncer e outras doenças que aparecem, ela vem tudo em cima, principalmente, vamo falar uma palavra mais curto e seco: as coisas enlatadas. É o, o, o, como é que se diz a palavra, as coisas que... ingredientes que vai nas coisas enlatadas pra elas se con... o conservante, já vamo falar a palavra. O conservante é o que prejudica a saúde do ser humano. Então aquela pessoa, é, porque os antigo que eu cheguei a conhecer muitos pessoas de mais idade, eles usava a banha brincando, era quantia grande, eles não usava em peque... isso era banha, porque a banha então é, quando eu me lembro, no início, quando era um guri, então não se vendia os suíno, vendia somente a banha, a banha tinha um preço e daí depois conseguirem trazer, é, trazer a banha negativa. Então porque entrou a técnica, então é.. o, o suíno foi modificado, modificado, aquele tal do porco preto, ele foi modificado que chegava um suíno de 100 kg que não dava três kg de banha e daí dizia que este era o saudável.

**AB** - Só que não tinha né...

**BZ** - Não tinha banha... mas é que, o que ele comeu às vez, muitas vezes, as pessoas não sabia. Então é, se a gente pára e pensa e conversa, assim do tempo do antigo, a vida era bem diferente, ninguém pode imaginar, é... Como é que o povo, o tal do rancho que eu falei já do início

também, o tal do rancho era, o rancho era café, querosena, erva, de noventa por cento não, às vez sim, porque tinha alguém que tinha um socador, logo aqui no, na sanga.

**AB** - Tinha pé de erva por aqui?

**BZ** - Tinha pé de erva natural, natural, não...

**AB** - Tinha natural?!

**BZ** - Aqui tinha erva natural, do mato, como se diz. E ali tinha um, o, tem o rio, a sanga melhor dizer, daí embaixo é Sanga (Querote), mas aqui em cima que faz perto nossa divisa, era Sanga do Monjolo. É... por que que ela tinha a Sanga do Monjolo? Porque tinha o socador que socava a erva e esse socador ele é tocado a água, então é um pau que na frente vai uma vara dentro e ali atrás ele forma um cocho e daí a sanga é, é colocado um canal, ele enche aquele socador, de água e daí ele despeja, ele levanta na frente e na hora que ele tava vazio na frente, ali na frente ele tá mais, quando tá na, na, na ponta vazio, de água, ele pesa mais aqui na frente e daí ele soca dentro do, do pilão, e daí ele é socador de erva. Então essa sanga na (cabeçote) aqui onde é que era, é, Monjolo, Sanga Monjolo, por quê? porque ela era socador de erva.

**AB** - Era o lugar que fazia a erva...

**BZ** - E daí o pessoal lá também socava o tal de arroz.

**AB** - Hm, fazia...

**BZ** - Porque descascador de arroz não tinha ali... e fazia o tal de canjico também. O canjico era um milho especial e levava nesse socador e socava e fazia o canjico. Mas o canjico era mais consumado na base do leite, o canjico não era assim uma comida... hoje eu já vi, inté não faz muito tempo, em Pinhalzinho, o tal de canjico como um tipo de galinhada, tipo com carne moída e tal. O tal de canjico, que nós nunca usava pra isso, nós usava ele mais com leite, mais indoçado assim.

**AB** - E... quando assim, que época que o senhor consegue perceber que essa modernização ela começou a ficar mais forte, que começa a vim mais semente selecionada, que começa os primeiros agrotóxicos, as primeiras máquinas como os tratores, as ordenhadeiras...?

**BZ** - É... em verdade essas coisa começou mais na faixa de 70. Então, é... quando entrou esses tal de agrônomo, que eu citei, os extensionistas também, então eles falavam bastante de cultivar diferente e daí nós fomos se ampliando, então hoje tem gente ainda que dizem os agrônomo seria melhor não ter vindo mas é do contrário, eles tinha de vim. Porque só vou cita uma coisa

antecipado: quando nós saímos de Três de Maio, no ano de, de 58, então meu pai vendeu lá e comprou aqui no mato porque dizia que lá não se colhia mais, porque a terra tinha defasado, a terra tinha terminado e daí nós entramos no mato e daí cortava mato mas cada ano mais mato, mais mato e mais atacava, porque terra tinha suficiente, mato tinha suficiente, e daí depois veio aquela técnica atrás pra recuperar o que tinha deixado, isso aconteceu no Rio Grande. Hoje se eu volto na terra onde é que nós, onde é que eu nasci, onde que nós saímos em 58, essa terra tá produzindo melhor do que na época. Porque quando nós saímos ninguém conhecia calcário, ninguém conhecia insumos, assim de, de, pra plantar e daí os técnicos começaram a trabalhar em cima disso aí, e daí logo, logo também veio as máquinas atrás e daí tinha os revendedores, que vendia trator e máquina, a ceifa veio, claro que veio bem mais tarde... primeiro era o trator, o trator não, primeiro era o trator pra plantar e mais o, o, o o tal da trilhadeira, nós trilhava os cereais tudo na tal da trilhadeira. Daí depois, em 75, 77, daí veio o tal, de, de, de, de o espalha... é, o espalhador não... como é que eles tinham o nome... o, o que trilhava, que botava o motor a diesel ali, o que colhia também cereais, o... é... inté podia... deixa eu só ver... o, o, o batedor! Daí o tal de batedor ele veio mais tarde e daí a tal de trilhadeira foi pra escanteio, ela foi deixada de lado. Entro o tal de batedor, que ele tinha a (boca) automático, só chegava, jogava os cereais ali em cima e ela engolia e deslocava porque o motor tava do lado, e daí veio o tal de batedor. Daí hoje existe ainda um ou outro batedor meio no canto ainda que se usa, mas a trilhadeira ela foi esquecida cem por cento... eu inté tenho uma desmanchada ali que desmanchei.

**AB** - O pai trilhou semana passada... o pai trilhou semana passada.

**BZ** - Tá, tá, então bem te lembra como é que era as coisas, e daí esse tal de batedor ele era grande coisa, e daí depois do batedor, daí veio a tal de ceifa... de ceifa. E hoje quase não tem mais ninguém, acontece raras vezes que, que, se colhe um milho ou se dobra um pé de milho. Que primeiro tudo ele era dobrado, mesmo no mato, na roça de mato, quando o milho tava louro, dobrava ele e colhia no tempo de inverno quando tinha tempo pra colhar e daí, é, levava em casa e guardava em espiga. Milho trilhado, eu tinha oito anos, eu tinha oito anos, o pai tinha uma trilhadeira, daí eles foram experimentar se funcionava trilhar milho com trilhadeira, se ele debulhava o milho, soja sim, pra soja era bom, trigo... e.. e daí, daí depois... hoje, é tudo, hoje ninguém mais, é, é, trilha o milho à muque, por exemplo, à mão, ou outros cereais também, é tudo, tudo com máquina. E aquilo em verdade, ele era tardio. Mas eu sempre digo a mesma coisa os agrônomos, porque se os, os da técnica, a técnica não entrava no nosso país, eu não vou dizer que nós tava perdido, mas nós cada, cada pouco nós ia mais pro mato.

**AB** - E ia esgotá mais a terra...

**BZ** - Sim e deixava a terra pra trás, a terra que hoje colhe melhor do que há, há cinquenta, sessenta anos atrás... Porque a nossa terra que nós deixamos na época lá no Rio Grande, era uma área bem grande. Lá o, o meu pai vendeu porque não colhia mais o que devia, não respondia mais. E daí entro a técnica e a técnica começou a trabalhá hoje produz mais, com mais, é... cinquenta e oito, seria quarenta e... quarenta e dois com dezessete... é... quarenta e dois com dezessete são cinquenta e cinco anos após que eles colhem bem mais, o dobro mais ou menos, daquelas áreas de terra na técnica, então a técnica era necessária. Era necessário ali.

**AB** - E esses equipamentos que vocês foram adquirindo era por financiamento, ia guardando dinheiro, como que funcionava essa parte de comprar as coisas?

**BZ** - O, o, o meu pai era um dos imigrantes que dizia que compra coisa quando tem dinheiro, o primeiro trator que o meu pai comprou, é... isto foi em 65, 64 por ali, ele compro à vista, ele dizia que máquina não se financia, porque ele dizia que o mundo vai encher com ferro velho, e daí o primeiro trator que o pai comprou, comprou à vista. Depois é, antes de mim tinha mais cinco irmãos, que era mais velho do que os seis em verdade, e eles já foram procurá o banco e comprarem máquina. Eu, em verdade, eu pessoalmente nunca tinha trator, porque não era necessário, meus irmão tudo tinha trator e daí eles faziam meu serviço, então pra que que eu vou comprá trator?! Mas os meus primeiros financiamento que eu fiz, em 70, 72 foi através do Banco do Brasil de Palmitos. Eu fui um dia à Palmitos e voltava no outro dia, pra encaminha os tal de financiamento, custeio de lavoura, essas coisa... no início vamo supor, um, um motor, um quebrador, uma trilhadeira, esses equipamento, eu adquiri no ano 70 a 75 mais ou meno, eu adquiri tudo isso ali e assim é, então é, nós tinha... tudo era limitado, nós usava o banco, nós fazia um depósito do banco, um valor xis, de caixa, então nós tinha acesso à financiar e daí des... depois o tal de custeio de lavoura também... mesmo pra financiar calcário... então o primeiro calcário que eu financiei, era o valor, só o valor ficou em 3 anos dividido sem juro, sem juro e este, este eu posso dizer: foi o mal do nosso país. Então teve gente que nunca tinha um metro de terra, eles financiava tudo isso ali, o tal do custeio de lavoura. Em 77, inté, em 77 eu comprei o meu primeiro carro da Volks de Maravilha e o tal do Ebertz, Edemar Ebertz, ele disse pra mim que ele tinha um custeio não sei de quantos hectare pra pagar e não plantou nem um pé de cereal, ele tinha a terra somente pra fazer o custeio porque o custeio era sem juro.

**AB** - E daí comprava outras coisas...

**BZ** - Comprava mais carro pra botar na... Então é, quem estragou o início desses tal de custeio de, de lavoura, os custeio de equipamento, é, foi o comércio, não o agricultor e sim o comércio.

**AB** - Que comprava terra pra poder financiar...

**BZ** - É... eles comprava, adquirirem essa terra pra poder aproveitar o financiamento e o que que fazia? ali não, não, não bastava só isso ali, o mais que, que, que acontecia, o tal do Proagro. Eles pagava o fiscal pra, pra provar o Proagro, o não safra como se diz, pra consegui a verba do governo. Então esses comerciantes eles roubavam os nossos governantes através da agricultura, o que é... pra nós era péssimo, porque se isso não existia, se isso não existia, os financiamento... quem sabe hoje tava melhor ainda, desde comprar, adquirir máquina, ou de custear uma lavoura ou comprar ração, por exemplo, pra suínos. Porque eu comprei bastante ração pelo banco, é... financiado, é, é, pelo banco através de pra, porque não tinha acesso a comprar à vista e o preço era muito diferenciado, então o comércio não te financiava trinta, sessenta, noventa dia, eles não tinha esse poder... e daí a gente adquiria esse dinheiro no banco e comprava essa tal de ração à vista.

**AB** - E daí depois pagavam pro banco o que...

**BZ** - Com juros pequenos. Os meus primeiros juros que eu paguei em 60 e tantos, 70, era na faixa de sete por cento ao ano, então esse por cento era justo. Eu pagava, eu pegava o valor xis, dentro de um ano eu dava 7% desse valor pro banco e daí depois foi pra 10, e daí depois foi pra juro diário, primeiro mensal, depois diário. E hoje dizer a verdade eu tô bem por fora porque não tenho mais financiamento e não quero mais sabe também... hoje nós compramos quando tem dinheiro se compra e... e quando não tem não se compra.

**AB** - E então falando um pouquinho mais sobre o tema então do, do meu TCC, você conhece a feira, visita a feira de Itaipu Rural Show, acha interessante? Tu acha que é uma coisa importante pra continuar modernizando os nossos agricultores, o que que você pensa sobre isso?

**BZ** - Eu vejo assim, a feira, é uma das partes muito necessário. Eu dificilmente eu perco uma feira, se é condicional que eu posso ir é toda feira, desde plantio ou que seja feiras de máquinas, ou que seja... a pessoa só pode aprender, então tem coisas hoje na, na agricultura ou na, na feira por exemplo ou assim é, nos, nos programa do, do Milho Show que eles dizem e tal. Então tem coisas que não se encaixa tanto pra nós, mas em tudo, inté numa conversa, com o teu amigo, tua amiga tu tem coisas que não pode leva a sério e assim é uma feira. Então tu vai lá participá, as coisas boas tu utiliza e pega o sistema e entra e se encaixa, e as coisas que não se encaixa

deixa de lado, mas é bem por isso, não precisa criticar a tal de feira. Que nem a nossa cooperativa, eu desde o começo, eu era líder, depois é... três ano conselho fiscal, depois três ano na administração, então tudo esses degrau que passei, sempre tinha cursos. Eu fiz vários cursos no Cetresmo, no Cetrec, porque tem Chapecó, tem São Miguel que tava a semana inteira fazendo curso e eu nunca me arrependi de fazer um curso. A mesma coisa é o tal é, é... eles dizem dia de campo, uma safra, uma colheita, uma demonstração de safra, ela só te traz benefício, mas tem certas coisas que tu não pode levar pra casa, que não use que é fantasia, é que é acima do, do conhecimento da gente. Mas eu, eu digo: essas coisas que nem é, que nem o Itaipú Rural Show, essas coisas tem de continuar, porque ali não é só, é, não é só colheita, é demonstração de máquinas, o, o, o que existe hoje no comércio, o que existe hoje na, desde semente. Então ali tem uma demonstração de semente, de sementes, vamos supor, que nunca é demais, é muito interessante, é, claro que, que nem eu falei, tem coisas que não... mas qualquer uma reunião que a pessoa vai tem certas coisas que não é tão necessário, a vida caseira também é assim, tem dias que tu tem de apagar na tua vida ou esquece, porque os dias de vento, de chuva, tem de esquece porque, se tu leva tudo em ação a tua vida de casal ou de, de, em conjunto ela vive em sacrifício, então tu sempre tem de tentar de tirar o melhor e o melhor tem de aproveitar.

**E** - Bom, então eu acho que... era mais ou menos isso.

**B** - Em que que tu teria mais assim, se tu é...